

Perspectiva Bioética do envelhecimento na obra “Em nome da terra”, de Virgílio Ferreira#

Bioethical perspective on aging in Virgílio Ferreira's work “Em nome da terra” [On behalf of the earth]

Carlos Manuel Costa Gomes*

RESUMO: A Velhice (envelhecimento) e o fim da vida são “problemas” da sociedade actual. O aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, o elevado número de idosos, representam grandes desafios para a cultura pós-moderna. Além disso, vivemos um tempo em que se valoriza o culto à beleza e bem-estar, o corpo é, por assim dizer, o engano dessa nova concepção do sujeito. Em “Em nome da terra”, permeia e tematiza a problematização do crepúsculo da vida. A velhice, o fim da vida (morte) e a fé.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Envelhecimento. Morte.

ABSTRACT: The aging and the end of life are a “problem” for contemporary society. The increase in life expectancy and hence the high number of old people represent major challenges to postmodern culture. Moreover, we live in a time that promotes the cult of beauty and well-being, and the body is, so to speak, the deception of this new conception of being a subject. “On behalf of the earth” is a work permeated by thematization and problematization of the twilight of life, featuring old age, the end of life (death) and faith.

KEYWORDS: Bioethics. Aging. Death.

INTRODUÇÃO

A velhice (envelhecimento) e o fim da vida são “problemas” da sociedade actual. O aumento da esperança de vida e, por consequência, o elevado número de idosos, colocam grandes desafios à cultura pós-moderna. Além disso, vivemos um tempo em que se valoriza o culto do belo e do bem-estar; vive-se o leilão de uma imagem corporal, de um modelo corporal, e nunca o seu verdadeiro equilíbrio. O corpo é, se quisermos, o engano dessa nova concepção de sujeito¹.

Na obra “Em nome da terra”², Virgílio Ferreira perpassa a tematização e a problematização do crepúsculo da vida. A velhice, o fim da vida (a morte), a relação do corpo com o “eu”, o amor vivido, ou não vivido, formam um diálogo constante entre as personagens e o narrador. Não vamos fazer, nem nos vamos deter, em considerações teóricas acerca do texto. No entanto, pode-se dizer que o livro “Em nome da terra” compreende certas configurações na relação entre o texto e o contexto sociocultural, bem como na interligação textual com textos passados e presentes. Isto é, por trás do diálogo que o autor nos apresenta, existem

outros textos que implicam o outro e o próprio autor num diálogo permanente, em que o discurso remete o leitor para a compreensão do que Virgílio Ferreira vai revelando a transitoriedade da vida, sujeita ao passar do tempo.

Em Virgílio Ferreira, e nessa obra em particular, o impulso comunicativo marca um diálogo concebido na ausência do principal interlocutor (Mónica), pois, no momento da redacção, esta já “habita o espaço de todos os silêncios – a morte”³.

No romance “Em nome da Terra” o problema do sentido da vida e a necessidade de dar um sentido à vida são a tónica primordial de toda a carga textual, no diálogo que o autor faz consigo mesmo, com Mónica e com Deus, apesar de dizer que em Deus já não acredita. Esse texto virgiliano é composto por uma reflexão sobre o divino e a eternidade, que culmina com ânsia do absoluto e da perfeição, ao ponto do autor exclamar: “Que erro, querida, sermos humanos e fraccionários” (p. 10)².

O corpo, o envelhecimento, a morte e a fé são as chaves que neste trabalho são apresentadas como factores principais da nossa reflexão.

DOI: 10.15343/1981-8254.20140802191198

Ao final do artigo, apresentamos uma nota biográfica sobre Virgílio Ferreira.

* Professor / Investigador do Instituto Bioética e do Gabinete de Investigação em Bioética da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal. Secretário-Geral do Centro de Estudos de Bioética. Diretor (coordenador) da Revista Portuguesa de Bioética.

O autor declara não haver conflitos de interesse.

O NÚCLEO CENTRAL DA OBRA E AS QUESTÕES BIOÉTICAS

Núcleo Central da obra: Corpo, Envelhecimento e Morte

A centralidade da obra de Virgílio Ferreira, “Em nome da terra”, é uma história, em fábula narrativa, de uma longa carta à esposa falecida. O estratagema da história valoriza a memória do idoso, na medida em que o idoso vive para consigo e, ao mesmo tempo, revisita toda a sua vida passada^a. Virgílio Ferreira, no tempo em que viveu no lar, dialogou, por meio da escrita (uma carta) com Mónica, esposa falecida, a quem, segundo o autor na obra “Em nome da terra”, diz amar imensamente. O livro percorre o amor vivido entre os dois e a esperança de um encontro futuro.

A narração feita pelo protagonista no tempo que tem para viver⁴ é, como diz o próprio, a sua “preparação para a morte”². A morte, a par do corpo, mantém a centralidade de toda a reflexão em “Em nome da terra”. Aliás, a morte é um tema recorrente nas obras de Virgílio Ferreira. Em “Aparição”, o narrador Alberto Soares afirma: “Portanto eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte. E nunca mais até hoje eu soube inventar outro” (p. 49)⁵.

A morte representa uma inquietação permanente na cultura do *homo sapiens sapiens*. Desde a antiguidade à contemporaneidade, perante o horizonte inescapável e inexplicável da morte, a tentativa de superação da mesma atravessa a humanidade. E Virgílio não foge à regra. O tema da morte é tratado de forma obsessiva na obra “Em nome da terra”; a palavra morte é referida 56 vezes. Contudo, para nós, e depois de apurada leitura, consideramos que a problemática do corpo é o ponto central da reflexão do autor. Pois o “corpo” é a palavra que em toda a extensão da obra marca a tónica do texto. É referida no conteúdo da obra por 166 vezes, sempre em duas perspectivas: o corpo mutilado e frágil face ao “eu” e o corpo belo de Mónica que se perdeu na relação com o eu.

Corpo

A invocação ao corpo alude, de forma evidente, a frase sugestiva *hoc est corpus meum*. O diálogo permanente com

o corpo marca a consciência que o autor tem do seu próprio corpo e, como ele mesmo diz, “a história do homem é a da relação com o seu corpo” (p. 28)², como que a dizer que a história do homem é a unidade do seu ser, fazendo lembrar São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios:

O corpo não consta de um só membro, mas de muitos. Se o pé dissesse: “uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo”, nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. E se a orelha dissesse: “Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo”, nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. Se o corpo inteiro fosse olho, que seria do ouvido? E, se todo ele fosse ouvido, que seria do olfacto? Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme entendeu. Se todos fossem um só membro, que seria do corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo^b.

Surpreendentemente, Virgílio Ferreira enuncia uma realidade de respeito na relação que, apesar de tudo, tem para com o seu corpo mutilado. A compreensão que faz, ainda que critique a relação do eu com o corpo, é de uma inteira justiça ética ou, nesse caso, bioética: “Não sou menos eu com o corpo em que sou eu se esse corpo for mutilado. A mutilação limita-me a minha coordenação com o mundo, mas não a minha coordenação comigo, ou seja, a minha total presença a mim através do corpo que sou”⁶. Mais ainda, ao compreender a unidade do homem que é, sabe “olhar o corpo e reconstituir uma história e uma vida humana vivida por um corpo, um espírito e uma transcendência; vivida no amor e no ódio, na bondade e na violência, na saúde e na doença, vivida até à morte”^c.

É nesse sentido que, na perspectiva aqui abordada, Virgílio Ferreira vê o seu corpo e pensa a respeito de si mesmo. Saber ver o corpo como unidade trinitária, isto é, matéria, espírito e transcendência é perceber que a relação do corpo e espírito transcende o próprio corpo enquanto estrutura material, visível, palpável e temporal. É, por outras palavras, simplificar o mistério da constituição do ser humano⁷, que faz do corpo a “flor maravilhosa”⁶ e a “possibilidade de o transcender” (p. 288)⁶.

Com base no que foi dito, procura-se afirmar que Virgílio Ferreira olha para o seu corpo mutilado com dois ângulos diferentes: o primeiro aponta para um corpo que já não responde, em certa medida, à capacidade

a. Comentário de José Oliveira Martins no seminário de Depoimentos de Bioética, realizado em 17 de abril de 2009, na Universidade Católica Portuguesa.

b. 1 Cor, 12, 14-18; 25-27.

c. Comunicação intitulada *O Médico e o corpo*, apresentada por Daniel Serrão em Oeiras, em 21 de Novembro de 1997.

do eu; o segundo alude à unidade, apesar da enfermidade do corpo, que não deixa se ser ele mesmo por causa da incapacidade da sua relação com o mundo. É nesse contexto, que toda a obra nos leva a perceber que a pessoa que se encontra em situação de debilidade física não se sente, ou não se deve sentir, diminuída em relação aos demais. Pelo contrário, a sua fragilidade impõe ao outro um tratamento de cuidado, não por piedade, mas por uma atitude cuidativa e de respeito que a dignidade do outro impõe a realizar, não como um técnico da doença ou funcionário de serviço social.

Virgílio Ferreira retrata muito bem o assunto bioético do consentimento informado. Ele afirma, claramente, ter sido esquecido, na sua pessoa, pelos “profissionais da vida”, pois ocultavam-lhe o que ele queria saber. Falavam da sua perna como se a perna não fizesse parte dele^d. Na fragilidade e na velhice, a pessoa, não raras vezes, é esquecida e Virgílio Ferreira vive na pele esse drama.

Envelhecimento

É com notabilidade que o autor desenvolve a questão do envelhecimento. O retrato quase fotográfico que faz da situação do lar em que vive demonstra de forma clara o fenómeno biológico e psicológico do envelhecimento.

As circunstâncias em que é apresentada a vida do lar^e, não muito diferente, no nosso ponto de vista, daquilo que ainda se passa na actualidade, impõem no âmbito ético um maior empenho da sociedade, na certeza, porém, de que, se a velhice é um processo natural e individual, o envelhecimento é também um processo social das populações, tornando-se, dessa forma, coletivo⁹.

Contudo, é no processo biológico que emergem os condicionamentos da criatividade e da capacidade do idoso em reagir favoravelmente ao seu envelhecer. Virgílio Ferreira, nessa obra, evidencia um processo de envelhecimento criativo para superar o desenvolvimento do processo natural da velhice.

Ainda no decurso da leitura, verifica-se que o autor discorre num diálogo com Cristo. Isso ocorre em forma de monólogo. Contudo, essa aproximação a Cristo pareceria contrariar a posição assumida da descrença em Deus. Essa atitude surpreendente leva-nos a perguntar como é que alguém pode falar com algo que não existe ou em que não acredita? Mas é notória, durante a leitura, a referência que faz ao nome Deus / Cristo. Repetido 60 vezes, indicamos que o seu pensamento contraria, em certa medida, aquilo que afirma. Há uma dicotomia nessa relação.

O diálogo com Cristo, no VII capítulo, afirma uma realidade comum: o abandono a que os dois foram sujeitos, quer no sofrimento, quer na solidão. No diálogo que Virgílio tem com a sua mulher, confessa: “quase não tenho aqui ninguém para falar. Converso o meu tanto, mas não falo. Cumpro o meu dever comunitário, mas quase não ouço, hoje falei com o Cristo que tenho aqui (...). E então eu disse-lhe. Tinha muita coisa para te dizer e não sei como começar”².

É essa a situação de tantos idosos no seu processo de envelhecer. Sozinhos, não raramente, encontram-se isolados no seu mundo, ainda que nos lares tenham a companhia dos técnicos e dos demais idosos; sozinhos, em suas casas, não têm com quem conversar passando cada dia do resto dos seus dias a conversar com o seu pensamento que já não pensa, apenas relembra as memórias de um tempo longínquo. Como diz Virgílio Ferreira, o *cheiro mole*² e a cabeça inclinada para o chão, para a terra, parece indicar que a morte está ali mesmo. O chão, em Virgílio Ferreira, é o fim. O idoso, à medida que envelhece, curva-se para o chão – curva-se diante e face à morte.

De facto, é necessário enquadrar e articular com a sociedade o processo de envelhecimento do ser humano. O relato de Virgílio Ferreira sobre esse assunto marca, indelévelmente, uma cultura minimalista que o mundo moderno ou pós-moderno ainda conserva em relação aos seus idosos.

d. Diz o autor: “Entraram pela porta do fundo, vieram em fila até mim. Vinham com a sua bata branca, o Matias à frente, mais familiar com a morte. Tinham todos um ar limpo de funcionários da doença, burocratizados técnicos. Tinham mesmo a sua beleza, assim purificados de branco, intactos à conspurcação” (p. 179)². Ainda nesse contexto, podemos dirimir a questão do consentimento informado, quando o autor, narrando o que se passa na enfermaria, alude à dificuldade de ouvir o que os médicos estavam a falar. Afirma: “Os outros debruçam-se, Matias explica. Mas não o ouço. Fala para eles, eles olham com muita atenção para a perna, a ver o que lá diz. De vez em quando palpa algum sítio especial, aponta com o dedo explicativo. Às vezes os dois deixam de olhar e olham o Matias, o Matias molda em gestos a explicação. Estão trocando impressões na abstracção de mim. Não os ouço. E são extraordinários nos seus gestos mudos, debruçados outra vez sobre a minha perna a conferirem. (...) Uma vez e outra vez os dois fazem perguntas ao Matias sobre a perna que é minha e eu estou a assistir ao que não ouço e de que só faz parte a minha perna mas não eu” (p. 180)².
e. A esse respeito podemos ver algumas comunicações que foram proferidas no âmbito do 18º Congresso da Associação Internacional de Gerontologia, realizado em Junho de 2005, no Rio de Janeiro, no qual se apontaram algumas causas associadas à situação de abuso, negligência, incúria e maus-tratos – sinalizando todo um conjunto de “ofensas escondidas” em que as principais vítimas são, sobretudo, dentro dos idosos, aqueles que têm problemas de comunicação / compreensão –, ou ainda a situações de discriminação grave sob o ponto de vista clínico por que passam muitos idosos no final das suas vidas e que permanecem silenciosas, sobretudo quando se está perante idosos com saúde mental deteriorada (p. 115-21)⁸.

O envelhecimento apela a uma vivência e realização como expressão integral, que é o encontro de liberdade de quem já não tem que afirmar coisa alguma, mas que tudo o que possui foi emprestado e que agora na velhice, já na liberdade do “tempo”, apenas e só reclama a quietude e conforto amoroso do calor da família e da sociedade. Caso isso não aconteça (como sabemos que em muitos casos não acontece), a velhice ou o envelhecimento é o drama da solidão e da marginalização social e familiar.

Apesar dos avanços da tecnologia e da economia, instrumentos valiosos para a melhoria da vida humana, não são por si mesmos a garantia de uma expressão integral e solidária^f do desenvolvimento humano.

Morte

Ao longo dessa nossa “conversa” com Virgílio, é notável a preocupação que tem em encontrar um sentido para a vida. É pertinente reconhecer no autor que a ideia da morte exige uma preparação. O diálogo que trava nas suas obras com filósofos clássicos, modernos e contemporâneos, torna-se importante para discorrer sobre a morte. Aliás, Virgílio Ferreira afirma:

O que há de mais importante para a vida do que saber que há morte? Filosofar é prepararmo-nos para ela. Disse-o Sócrates. Disse-o Cícero. Disse-o Montaigne. Di-lo tu também, que também és gente¹¹.

Para além de outras interpretações literárias a que podemos aludir sobre a morte no romance “Em nome da terra”, a questão fundamental que se coloca nesta reflexão, é a morte como processo final da existência humana.

A morte em Virgílio Ferreira é vista como um processo para o qual cada um tem que estar preparado. Contrariamente a esse pensamento, a sociedade actual parece ter receio de falar sobre essa realidade. Como diz Walter Osswald, “a civilização hodierna, se não pode recusar a realidade da morte oculta-a, suprime-a do seu ideário e imaginário, lança sobre ela o tabu de um quase obscuro acontecimento” (p. 143)¹². Todavia, o “morrer

é a consequência natural depois de se ter consumido um tempo pessoal de viver por meio de um corpo orgânico, frágil e perecível, que regressou ao mundo natural e a uma outra existência, da qual tudo provém e à qual tudo retorna”⁴. É nesse sentido, que percebemos que a morte, nas palavras de Virgílio Ferreira, é um “Espera lá por mim” (p. 265)²; é também um querer tratar a morte por tu⁵.

Nessa linha, o autor diz sem hesitar que importância da morte está no valor da vida. Pois a vida não acaba com a morte. Às vezes a vida acaba mais cedo e antes da morte^h. Isto é, a dimensão do corpo que o autor relata em relação à sua esposa, que morreu antes de morrer.

A dimensão expressiva do corpo que morre antes de morrer é a de um corpo que fala por meio da linguagem do sofrimento. Contudo, esse corpo que, para Virgílio, morreu sem morrer, pressupõe uma atitude e um chamamento ético como compromisso e responsabilidade de cuidar de Mónica até ao fim. A esse respeito afirma:

Atravessar todas as tuas tentativas de me agredires com os teus devaneios inconscientes para restabeleceres um equilíbrio que julgavas desequilibrado por supores que a substância de mim era mais substancial do que a tua. Atravessar enfim a tua descida devagar até à morte. O teu apagamento imperceptível. Pouco a pouco o apagamento do cintilar da memória, do entender. A confusão da tua ordem da vida e de estares nela connosco. A entrada pouco a pouco noutra ordem que não entendíamos, até desapareceres nela para sempre (...). As palavras que dizias não vinham ter com as nossas palavras (p. 264)².

Aqui, nesse contexto, cabem com perfeição as palavras de Emmer Fox: “Quem souber amar o suficiente será o mais feliz e poderoso ser no mundo”. De facto, quem ama de verdade é capaz de amar para além do corpo físico, isto é, para além da morte. Pois o mais alto e mais elevado da pessoa não é o corpo, mas o ser (p. 268)². E quando “as palavras se tornarem inúteis para a comunicação, ficarão”, como diz Serrão¹³, “os olhares e

f. Recordamos aqui as palavras de Walter Osswald sobre a solidariedade social: “expressão em voga e oficializada, implanta-se num meio em que a sensibilização ao outro é crescente, mormente no campo da saúde. Não será plena nem perfeita essa solidariedade; estará por vezes sujeita a manipulações de ordem ideológica, a grosseiras distorções, a aproveitamentos publicitários e políticos; mas parece-me facto incontroverso que o cidadão comum se sente elo de uma cadeia de responsabilidade, que indissociavelmente o liga a todos os outros, e de forma especial aos fragilizados e discriminados pela doença ou pela penúria” (p. 15-20)¹⁰.
g. Ver capítulo XX onde o autor narra o desenho macabro de Dürer (p. 200)¹¹.

h. Essa afirmação refere-se não à morte física, mas à “morte mental e intelectual”. Mónica morreu para Virgílio, muito antes de morrer.

as carícias corporais; quando o olhar perder a intencionalidade expressiva, restará a comunicação olfactiva e a ligação possível ao mundo natural (...). Só a intuição do amor descobre, na pessoa amada, essa evolução do espírito que corre paralela à alteração do corpo¹³.

A obra "Em nome da terra" aborda de maneira permanente a relação do corpo belo, o crepúsculo da vida e a experiência da morte. A ligação entre esses três momentos: a juventude do corpo; o envelhecimento do corpo; a morte física do corpo mostra uma certa angústia que passa pela decadência do corpo até chegar a morte, mas essa não tem a palavra final, porque o amor expresso em cada página da vida do autor eleva o eu à eternidade.

A FÉ

Dessa reflexão nasce em nós uma certeza, apesar de entrarmos em contradição com aquilo que se afirma sobre o ateísmo do autor. O homem, como sabemos, é um *animal rationale*, mas é-o ainda mais, um *animal amorousum*. É, precisamente, a partir desse amor que o homem tem pela vida que anseia pela imortalidade. O homem que ama tem a necessidade de poder amar alguém de quem não pode prescindir.

É nesse sentido que percebemos a trama da obra "Em nome da terra". Nas primeiras palavras o autor coloca o amor como princípio fundamental: "Querida. Veio-me hoje uma vontade enorme de te amar (...). Mas não te quero amar no tempo em que te lembro. Quero-te amar antes, muito antes" (p. 9)².

A questão que salta à vista é a certeza de que, para aquele que ama, é intolerável a aniquilação das pessoas amadas e só, secundariamente, põe em questão a sua vida.

A certeza da morte é sempre um absoluto que chega até nós pela morte das pessoas que amamos. É perante o cadáver da pessoa amada que a morte nos atinge com todo o seu silêncio e mistério seguido de um "espera lá por mim" (p. 265)². Esperar para lá da morte é, então, tão conatural ao homem como o próprio homem saber da sua própria morte. Esperar é dar razões a uma esperança que não pode ser demonstrada à maneira da

ciência experimental, como também não elimina todas as dúvidas, mas liberta o homem do desespero e o compromete com o amor originário.

Há certa dificuldade em aceitar o ateísmo de Virgílio na obra "Em nome da terra". Perante o mistério do mundo e o enigma da morte, o homem é colocado diante de uma alternativa existencial: ou diz Não ao Fundamento originário último; ou diz Sim a esse Fundamento originário último. Ao dizer Sim, emerge em si um acto de confiança para todo o processo e existência no mundo; ao dizer Não, o homem morre para o nada e para a realidade última a que chamamos Deus.

O "Espera lá por mim" nessa obra; o diálogo que mantém com o transcendente (o diálogo com os textos bíblicos – Antigo Testamento e Novo Testamento) não pode ficar no vazio das palavras e da pena do escritor.

Virgílio Ferreira, diante da morte de Mónica, mostra, claramente, a sua fé. Pois a questão da fé não consiste em saber se se acredita ou não em Deus, como em esclarecer em que Deus se acredita e no que é que, acreditando, muda na vida e na compreensão do homem e do mundo. Não seria digno de o homem acreditar por medo, acreditar num Deus que humilha o homem, num Deus "tapa-buracos" ou num Deus que, na eternidade feliz, permanece indiferente à história e ao sofrimento humano. A experiência cristã evidencia uma ética experienciada no mundo, para o mundo e face ao mundo. Querer encontrar Deus fora do mundo e da relação viva e activa com os outros é encontrar-se com os seus medos e ilusões limitados à dimensão egocêntrica do mistério da vida. Segundo as premissas cristãs (não esquecer o diálogo do autor com Cristo), a fé do homem e a fé em Deus coimplicam-se. É nessa perspectiva, que afirmamos que na obra "Em nome da terra" está implícita a negação de um Deus retributivo mas, inversamente, nela existe a compreensão na adesão a um Deus-amor pelo qual vale a pena acreditar, um Deus de braços abertos para se poder abraçarⁱ.

Finalmente, uma palavra sobre uma frase várias vezes repetida: "Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da *perfeição*" (p. 271)². Essa expressão, parecendo um sacrilégio, carrega em si mesma a necessidade de conhecer

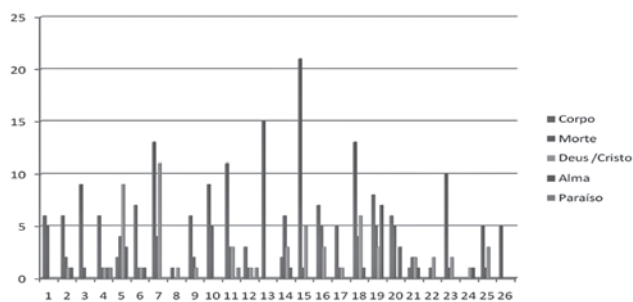
i. "Trouxe-te da aldeia sem cruz, para que querias tu a cruz? Estás melhor assim. E vê tu que sem ela, vejo nos teus braços abertos aquele grande abraço. Podes abraçar-me que eu deixo" (p. 65)².

a perfeição. Virgílio, por meio de Mónica, pretende ver a perfeição. O crente (cristão) só pode aspirar à perfeição por meio do outro e não dele mesmo. É pela alteridade (pois todo este texto implica o outro) que chegamos à realização plena da nossa atividade e na passagem pelo mundo. A vontade de ver a “perfeição” – só acedemos a Deus por meio de mediações e Mónica é, na nossa perspetiva, a mediação, o “espera lá por mim”, o diálogo com Cristo. As diversas alusões à Sagrada Escritura são dados que nos informam da fé implícita e explícita ao longo das páginas da obra (mas, acima de tudo, cremos nós, da vida do autor e principalmente no momento em que escreve a obra) e, ao mesmo tempo, nos mostram o corte de relações com o Deus autoritário.

CONCLUSÃO

A invocação ao corpo é uma constante nessa obra. Contudo, não podemos esquecer outras referências, como: a Morte, Deus / Cristo, Alma e Paraíso, embora esta última tenha pouca relevância, mas aparece grafada no texto nos capítulos 4, 11 e 12 (Gráfico 1).

Gráfico 1. Apresentação gráfica por capítulo das principais palavras do texto



Curiosamente ou não, sendo o corpo a centralidade do texto, é também nos capítulos centrais, isto é, no meio do texto, que a referência ao corpo se repete mais vezes. Dá-nos, precisamente, a impressão, que o autor quer evidenciar o corpo como tema central da obra: o corpo belo (Mónica) e o corpo amputado em que o próprio autor é a vítima.

A questão bioética que se pode retirar da leitura em relação ao corpo é, no nosso ponto de vista, a consciência

que o autor tem de si. Embora o seu corpo se encontre, em certa medida, mutilado, ele não deixa de ser quem é. A fragilidade do corpo não pode ser motivo de fechamento. O homem possui um Eu espiritual e criativo, e esta obra demonstra-o, capaz de transcender o corpo, de o transgredir¹⁴ na sua fragilidade e de mobilizar as suas energias morais para utilizá-las no diálogo com a sociedade.

O corpo mutilado e frágil por qualquer situação é sempre um “alguém igual” que está a nossa frente (p. 312)⁹ e a primeira exigência de ordem antropológica e ética é, precisamente, a de reconhecer na fragilidade, seja qual for a deficiência, a plena dignidade de pessoa humana. E, nesse caso, o discurso sobre o corpo belo de Mónica, e o discurso que o autor faz do seu corpo não diminui a capacidade do eu criativo que anima a corporeidade do homem.

Outro aspecto da obra é a abordagem do “consentimento informado”. Na decisão da amputação da perna, o autor reclama ser ouvido. Contudo, podemos verificar que ele diz-se posto de lado a ponto de dizer: “Falamos da minha perna com ela não fizesse parte de mim”. Ora, como sabemos, informar a pessoa acerca do processo terapêutico é um direito e ao mesmo tempo um dever. Se em certos casos o doente perde a autonomia, noutros casos isso não acontece e, por isso, é um dever do médico dialogar com o doente¹⁵. E nessa obra, o autor narra, na substância, a falta do diálogo da relação médico-doente.

Outro dado relevante é o discorrer da pena do autor acerca do envelhecimento. A questão da velhice é uma realidade que a sociedade actual tem que resolver. O avanço assustador da idade média da sociedade portuguesa pressupõe uma atitude diferente face ao aumento significativo do envelhecimento em Portugal¹ e no mundo.

A questão do envelhecimento é bem descrita nessa obra. O autor analisa a situação da vida dos idosos no lar, e considera-a como a antecâmara da morte. O corpo curvado para o chão, para a terra, segundo o autor, indicia a proximidade da morte.

A crítica que faz sobre o modo como são tratados os idosos no lar sobressai como espelho de uma situação que ainda hoje continua, e à qual o autor se opõe.

j. De 1960 a 2001, a população portuguesa aumentou em 140% o número de pessoas com idade superior a 65 anos. Ou seja, hoje em Portugal existem mais idosos do que crianças (INE 2002)¹⁶.

Do ponto de vista ético, o ancião deve ser em todo o tempo respeitado, considerado como riqueza da sociedade e ter valorizada a sua dignidade pessoal; deve ser promovida a sua identidade evitando a automarginalização; socialmente deve ser ajudado a inserir-se em actividades e compromissos sociais, criativos e culturais (p. 355)⁹, quando a vida o permita.

Em relação ao tema da morte, também um núcleo central da obra, aludimos apenas a duas palavras que se interligam: o amor e a própria morte. O homem aspira a viver indefinidamente. Aqui está a raiz daquilo que é mais humano no homem. Perante a morte do outro, a morte revela o seu carácter de extermínio devastador e insuportável. A esse respeito Santo Agostinho dizia-se admirado como é que depois da morte do amigo, ele ainda vivia, pois o amigo é "metade da minha alma"¹⁷. É nesta sequência que vemos a relação do amor com a morte. Só quem ama é capaz de penetrar e captar em concreto o núcleo essencial da morte e compreender a vida. O autor demonstra bem este aspecto. O Amor com que desejou amar Mónica superou a morte e a sua própria vida.

Finalmente, um último ponto que gostaríamos de salientar: a fé. Correndo o risco de querer afirmar algo contrário àquilo que se tem dito sobre a questão religiosa do autor, assumimos essa afirmação: todo o texto é atravessado pela fé. As constantes incursões sobre temas bíblicos, a referência a Deus / Cristo repetida por 60 vezes e a alma, abordada por 20 vezes, em todo o texto dão nota de uma ligação forte ao transcendente.

Não se trata de uma fé retributiva, como já foi observado, mas de uma relação cuja razão da fé de Virgílio Ferreira dá credibilidade à existência essencial da fé.

Essa afirmação se sustenta com alguns aspectos que saltam à vista, não só do texto mas, essencialmente, daquilo que está por detrás de texto. E é a partir da hermenêutica e interpretação textual que descobrimos a fé do autor.

O que estará escondido nessas frases: "Espera lá por mim"? "Eu te baptizo em nome da Terra e da perfeição"? Que lições devemos tirar da conversa com Cristo (os dois abandonados no sofrimento e na solidão)? Porquê do Cristo sem cruz? Porquê da necessidade de abraçá-lo? (...) entre outras perguntas que se podem formular.

Pôde-se concluir que a obsessão do autor em dissertar sobre a ruína do corpo (envelhecimento e morte), tema central da obra, apenas se refere, a partir da perspectiva observada, à devastação física do corpo, isto é, da *existência* da vida e não da *essência* da vida. É, precisamente, na *essência* da vida que reside o núcleo central da *fé* de Virgílio Ferreira.

Na obra "Em nome da terra" descobrimos que, pela *existência*, acedemos a um Deus autoritário e pela *essência* acedemos a um Deus justo. É esse Deus justo que Virgílio procura nos meandros da sua fé.

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE VIRGÍLIO FERREIRA (1916-1996)

Virgílio Ferreira nasceu na Serra da Estrela em 28 de janeiro de 1916. Depois de ter frequentado o Seminário do Fundão (1926-1932), licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1940. Escritor, primeiramente neo-realista, depressa foi influenciado pelos existencialistas franceses – André Malraux e Jean-Paul Sartre –, iniciando essa corrente de pensamento com a obra "Mudança", de 1949. É considerado um dos mais importantes romancistas portugueses do séc. XX, tendo ganho vários prémios de literatura. Foi, ainda, professor de Português e Latim em várias escolas do país (Portugal). Escreveu 47 livros, incluindo a obra "Em nome da terra", objeto do nosso estudo. Faleceu em Lisboa, em 1º de março de 1996.

Obras de ficção: O Caminho fica longe; Onde tudo foi morrendo; Vagão "J"; Mudança; A face sangrenta; Manhã submersa; Apelo da noite; Cântico final; Aparição; Estrela Polar; Alegria breve; Nítido nulo; Apenas homens; Rápida, a sombra; Contos; Signo sinal; Para sempre; Uma esplanada sobre o mar; Até ao fim; Em nome da terra; Na tua face; Cartas a Sandra.

Ensaio: Sobre o humorismo de Eça de Queirós; Do mundo original; Carta ao futuro; Da fenomenologia a Sartre; Interrogação ao destino, Malraux; Espaço invisível (5 v.); Inovação ao meu corpo; Um escritor apresenta-se; Arte tempo; Pensar; Escrever.

Diário: Contra-corrente (9 v.); Diário Inédito.

REFERÊNCIAS

1. Lino-Sena P. O corpo consumido: fascínio ou ditadura da própria imagem. *Cad Bioética*. 2002;XII(28):43-54.
2. Ferreira V. *Em nome da terra*. 10a ed. Lisboa: Quetzal; 2009. 272 p.
3. Rodrigues IC. Cartas a Sandra de Virgílio Ferreira. *Rev Veredas*. 1999;2:223-32.
4. Serrão D. No tempo de morrer. *Cad Bioética*. 2006;XVII(42):315-21.
5. Ferreira V. *Aparição*. 19a ed. Lisboa: Bertrand; 1992. 273 p.
6. Ferreira V. *Invocação ao Meu Corpo*. 2a ed. Lisboa: Bertrand; 1978. 354 p.
7. Portocarrero ML. Relação corpo-espírito. In: Archer L, Biscaia J, Osswald W, coordenadores. *Bioética*. Lisboa: Verbo; 1996. p. 64-69.
8. Fonseca A. O envelhecimento: algumas questões de bioética. *Cad Bioética*. 2006;(40):115-21.
9. Sgreccia E. *Manual de Bioética*. São Paulo: Loyola; 1997. 960 p.
10. Osswald W. Humanização, ética, solidariedade. *Cad Bioética*. 2002;(29):15-20.
11. Ferreira V. *Pensar*. Lisboa: Bertrand; 1992.
12. Osswald W. *Um fio de ética*. 2a ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra; 2004. p. 143.
13. Serrão D. Doença de Alzheimer: que corpo e que pessoa? *Cad Bioética*. 2001;(27):139-47.
14. Melchiorre V. *Il corpo, La Scuola*. Brescia; 1984.
15. Serrão D. Consentimento informado. In: Archer L, Biscaia J, Osswald W, coordenadores. *Bioética*. Lisboa: Verbo; 1996. p. 78.
16. Fonseca A. *O Envelhecimento, uma abordagem psicológica*. Lisboa: UCP; 2004. p. 7.
17. Santo Agostinho. *Confissões*. Livro IV. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa; 1990. p. 74.

Recebido em: 21 de janeiro de 2014
Aprovado em: 27 de março de 2014